

Balinhas de Natal

Tudo devidamente natalino compunha o cenário dos dias de dezembro que antecediam a festividade que mais tinha a ver com uma data comercial e papai noel, do que com qualquer sentido espiritual. As cidades berravam pisca-piscantes, as casas localizadas em qualquer interior desconhecido estavam decoradas e ornamentadas para o Natal: bolinhas glitterizadas ou brilhantes nas cercas-vivas e arbustos repletos de festões coloridos, dourados, prateados, holográficos. Nada precisava combinar entre si, guirlandas, papais noéis, enfeites dependurados nas portas, destacando-se das outras épocas do ano que não nutriam o hábito do adorno.

Um show para as crianças de olhos noturnos, um exagero para os adultos que julgavam as casas dos vizinhos. Nos dezembros, uma espécie de árvore sombreira, não nativa, comumente plantada nos pátios da redondeza, nesta época de verão, corroborava com o clima natalino e difundia no ar um aroma do fim de sua floração branca, que caía como floquinhos de neve alérgica no chão e que alimentava na imaginação fervorosa da criança um Natal com neve, assim como nos filmes clichês americanos inverniais. Além do aroma memorável para um quase sempre, algumas destas árvores, um pouco apressadas, estavam a perder as florezinhas de neve branca e frutificavam pequenas bolinhas tóxicas e arroxeadas quando maduras, complementando ainda mais a decoração festiva.

Tudo pronto para a chegada de Noel, até parecia imaginativamente soar na atmosfera, ao longe, cantigas que inspiravam a vinda do bom velhinho e de outros velhinhos nada bons. Mas não se engane, apesar da atmosfera comemorativa e do ar perfumado floral, este conto não comporta apenas a felicidade fugaz do fim do ano, se trata do por detrás da alegria, do roubo do brilho dos olhos dos lapsos dos pisca-piscas, se trata com mais ênfase da fugaz chegada do bom velhinho que jogava balas para a piaçada se empapucar durante as festividades municipais.

Se tratando do tão aguardado convidado da ocasião, havia certa comoção e ansiedade ao recebê-lo. Noel, querido Noel, que de tão longe, Polo Norte, nunca sul viera, como ensinava a TV. As prefeituras municipais, destas cidadezinhas de interior, sempre combinavam diferentes datas para que o Pai Natal pudesse passar por todas as localidades e evidentemente para que pudessem reunir o maior número de munícipes e simpatizantes regionais. Doces para a criança, cervejas e música para os adultos, assim, todos estavam quase felizes, ao menos era o intuito naquele dia. Nestes eventos, antes mesmo de Noel, sempre presentes estavam a figura falante do prefeito acompanhado do corpo de autoridade municipais, que discursavam com infundáveis oratórias que se estendiam por horas e horas antes de anunciar o convidado tão aguardado, que hora descia de rapel da torre da igreja, hora chegava em um simulado trenó

enjambrado no jipe de algum trilheiro, hora surgia subitamente no palco próximo ao prefeito, seu melhor novo amigo, hora se materializava misticamente no meio do povo.

Certa vez, toda a comunidade regional se dirigiu a uma destas cidadezinhas para a chegada do dito cujo. Melhor roupa, cabelos arrumados, perfuminho para não feder no calor da multidão reunida e para que não houvesse fofocas no dia seguinte sobre a higiene de si e dos outros. As crianças eram orientadas a não parecerem esfomeadas na selva das balinhas voadoras que viriam a ser jogadas no ritual anual. O momento dos doces talvez fosse mais aguardado que o próprio Noel e que os presentinhos plásticos patrocinados e recebidos pelos pequeninos no decorrer do evento. Momento de adrenalina pura: de encher as mãos, a boca, a barriga, de esticar a parte de baixo das blusas fazendo uma bolsinha para que coubesse tudo, para que coubesse ao máximo. Coitadinhas das meninas obrigadas a usarem vestidos naquela data solene. Queriam fazer a bolsinha com seus vestidos, esticando até o limite do tecido e não se importavam se alguma calcinhona aparecesse por descuido ou despreocupação. Pensavam, no vestido haveria de caber muitíssimo mais do que nas blusas. Elas não se importavam com nada além dos doces que poderiam arrecadar em seus vestidinhos, mas os adultos sim ligavam, e ligavam muito, e por isso elas não faziam, pois eram proibidas de fazê-lo. Dentre a gente grande, alguns se importavam com a vulgaridade condenável das menininhas, outros com a exposição inapropriada dos corpinhos e outros ainda se interessavam pelo desejo predatório e devorador por aquelas pequenas criaturinhas que naquela selva de balas, só queriam os docinhos e jamais esperavam pelo ataque de brutas feras canibais de criancinhas, acentuadas pelo desprezo aos quadradinhos açucarados.

- Muito boa noite aos munícipes e aos amigos que vieram de outras cidades... blábláblá meia hora, blábláblá mais meia... [parecia interminável principalmente ao citar todas as importantes presenças] ... e é com muita honra que anunciamos o mais aguardado da noite: com vocês o bom velhinho e feliz e abençoado natal a todos - inicia-se a música natalina antecedendo a chegada do velho -. Decretava-se iniciado o ritual: o barbudo abria seu saco, lançava os doces, as crianças corriam, se juntavam para pegá-los, em contragolpes que sem contexto assemelhava-se a uma roda punk infantil. Mas, não só as crianças se juntavam, também apareciam no meio da multidãozinha, alguns homens mal-intencionados, que sorrateiros vigiavam as lebrinhas indefesas. No fuzuê, era difícil perceber de longe, mas a meninada sabia bem o estranho e o incomodo daquela situação.

Uma menininha, de não mais que 6 anos, chinelinho confortável e blusinha que esticava bastante, correu junto a todas as crianças para ajuntar o máximo de caramelos duros e de balinhas moles de frutas. Atônita, empolgada e saltitante, pegava do ar e do chão o que pudesse,

feliz com as luzes piscantes, com Noel e com os fogos de artifício que brindavam o momento de euforia. Nem imaginava ainda, que um homem que lá estava não se dedicaria as balinhas. Sentiu, repentinamente, uma mãozada incomoda na parte de baixo das costas e logo pensou que esbarrou em outra criança empolgada e saltitante, assim como ela. Continuou a cata dos docinhos despreocupada e mais uma vez a mão a atacou um pouco mais para baixo, denunciando que algo estranho acontecia. Porém andou passos para frente na multidão e seguiu sua tarefa com empenho, ainda crendo que fora apenas um incidente da punkeragem infantil. Na terceira vez, percebeu que aquela mãozona não estava atoa, mas que procurava intencionalmente por ela, num apalpão grotesco. Por um instante, cessaram os barulhos dos fogos de artifício, por mais que continuassem brilhando no céu, apenas um zunido fininho e o cenário em câmera lenta. Interrompeu sua missão açucarada e parou forçadamente no meio do caos para observar de onde vinha o gesto inconveniente. E lá estava o dono daquela mão-garra.

Ao olhá-lo, parecia que a multidão houvera silenciado e se evadido, só restando ela e o dono da pata. A princípio pensava que o pior era a mão, posteriormente compreendeu que o pior era o olhar, a feição, a expressão delirante e obscena no rosto daquele homem. Tentou andar novamente, mas aparentemente, depois do homem a olhar nos olhos, ele à havia marcado e a encontraria em qualquer canto que fosse. Compreendeu que o homem se alimentava de inocência e não de confeitos. Andou, esquivava e fugitiva e ele a seguiu. Andou mais um pouco e pensou estar a uma distância segura e protegida pelas outras crianças. Ingenuidade dela. A criatura a perseguiu como quem caçava algum bichinho filhote. A mão novamente a apalpou com tanta força, quando ela se distraiu, que a fez ser empurrada para frente, violentamente. Talvez seria porque agora a mão tinha olhos e uma aparência devoradora de crianças. Sentiu nojo em seu corpo todo, da coluna às partes tocadas, pensamentos de repugnância que não se limitavam só a cabeça, um pensamento de asco de corpo, mente e tudo, que perpassava seus ossos, carne e suas balinhas.

Ainda, em alguma parte de si, imaginava que ele pudesse ter tido uma espécie de derrame da cabeça ou infarto do coração, movimentos involuntários provindos de algum lapso de saúde do homem velho. Mas nem conhecia a palavra involuntário, nem infarto, nem derrame, no mais pensou, foi sem querer, resposta que dava a si mesma para amenizar a situação. Pensar numa mãozada proposital nas partes íntimas de uma criança era demasiado absurdo e não cabiam na sua infantil concepção. Ninguém jamais deveria fazer gesto daquele, mesmo sem querer. Tentou mais uma vez apanhar as balinhas do chão cinza de concreto, mas viu o homem olhando com o mesmo olhar para outras crianças e para ela. Os docinhos não valiam mais a pena.

O Natal perdera a magia e as balinhas ganharam sabor de vômito. Abandonou a multidão e se dirigiu a seus pais, sem contar uma palavra do ocorrido. Talvez tenha comentado, ao ser questionada, que viu um homem assustador e apenas isso. E nada se falou a respeito. Por um tempo não quis mais saber destas guloseimas pois sempre a remetiam a mesma situação.

O encanto acabou aos 6, Papai Noel volveu-se em um qualquer fantasiado de vermelho, com espuma na barriga, saco de doces e barba falsa. Os pisca-piscas e decorações tornaram-se exageros dos adultos exibidos. E nos anos que se passavam, o que a emocionava era apenas o cheiro das árvores que nevavam. As balas, apenas bolas de açúcar sem emoção, coisa de criancinha. Passou a detestar aquilo e a olhar com certo julgamento de infantilização às crianças que se emocionavam com todas aquelas coisas cintilantes e barulhentas. Apesar de que lá dentro sufocado, além de temer por outras mãos nela e em outras menininhas como ela, no fundo queria toda a magia de volta, desejava mais uma vez possuir a inocência que lhe fora roubada, para assim, poder desfrutar de novo e de novo do sabor outrora doce das balinhas de Natal.